

RUMO A UMA ÉTICA RELACIONAL PARA A PRÁTICA TERAPÊUTICA

CRISTIANA P. G. PEREIRA

Psicóloga Clínica pela USP
Terapeuta de casal
e famílias pela PUC
Formadora e membro da
equipe de coordenação ITFSP.
crispgp@uol.com.br

MONICA O. GENOFRE

Psicóloga clínica pela PUC
Terapeuta de casal
e família pela PUC
Formadora e membro da
equipe de coordenação ITFSP.
monica.genofre@gmail.com

SIMONE BAMBINI NEGOZIO

Terapeuta de casal
e família pela ITFSP
Formadora e membro da
equipe de coordenação ITFSP.
sbnegozio@gmail.com

Após uma de nós ser convidada para escrever o Ecos sobre a edição comemorativa dos 25 anos da revista *Nova Perspectiva Sistêmica*, preferimos produzir em conjunto.

Escrever a seis mãos é fruto do que temos vivido nos últimos anos dividindo a coordenação do ITFSP – Instituto de Terapia Familiar de São Paulo, onde não definimos a autoria como algo individual, mas somos coautoras de todos os fazeres e processos de construção de conhecimento.

E, de fato, a ação conjunta se mostra quando percebemos que não importa onde ou com quem uma ideia começou, construímos caminhos entrelaçando nossas ideias e ações e ao final o resultado é coerente e nos representa, mesmo que algum ponto de discordância aconteça no percurso.

Nossa conduta valoriza o convite a conviver com as diferenças, como diz Gergen: “[...] *fundir, integrar ou reconhecer as multiplicidades, assim novas possibilidades relacionais podem emergir*” (2016, p. 19).

Quanto à escolha do artigo, pensamos: “O que mais, além de tudo que já nos deu, Gergen pode nos trazer? E sim, havia muita coisa nova!”

Esse artigo é um presente. Ele respalda teoricamente nossas ações, responde a nossas inquietações, e nos acompanha em nossas práticas nas salas de aula, atendimentos terapêuticos, projetos. Traz definições da moralidade de primeira e segunda ordem convidando-nos à uma Ética relacional que se estende também para nossa visão de mundo e postura de vida.

Entende o fazer terapêutico comprometido com o bem-estar daqueles a quem atendemos, mas adverte: “*Sob a ótica de quem julgamos o bem-estar?*” (2016, p. 12), só saberemos o resultado da nossa ação com a resposta do outro.

Considera que as vozes do cliente se entrelaçam com as vozes éticas do terapeuta, sendo essa relação verdadeiramente um diálogo. Convida-nos, assim, a dividir com os clientes nossas inquietações, afetações, incentivando a auto referência e o oferecimento de nossas histórias.

Quando Gergen define a moralidade de primeira ordem e “*o jeito de fazermos as coisas*”, evocamos Foucault e a sua Ordem do Discurso.

Segundo Foucault:

Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte, políticos, não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis pré-estabelecidos (2012, p. 37).

O jeito de fazermos algo é atravessado por uma ordem, muitas vezes inquestionada, como, por exemplo, a visão do bem e do bom, tradições familiares e da comunidade, e quando as pessoas comungam de determinadas ações coordenadas, já estão precedidas por acordos de que não se dão conta no fazer. “*Vivemos largamente nossas vidas dentro da confortável zona da moralidade de primeira ordem*” (2016, p. 15).

Quando vivemos sob uma mesma ótica e partilhamos de um mesmo discurso tudo certo. E quando nossos clientes nos convidam para mundos muito diferentes da nossa ordem? Gergen explicita: “*Todos os estilos de vida podem ser odiosos para quem não participa deles* (2016, p. 15).”

Ele chama atenção para as ações que mostram a resistência ao discurso diferente: desdém, evitação, fofoca, malícia, antipatia – e dessa forma, estamos sendo éticos? Enquanto profissionais, o que fazer com essa resistência? Uma possibilidade, segundo Gergen é prestar atenção nas contra vozes que permeiam nossos pensamentos. Percebê-las, não negá-las, e questioná-las.

Quando as moralidades de primeira ordem se chocam e ficamos sem saída, recorreremos à moralidade de segunda ordem, na qual o valor maior é a relação e o outro, “*sem o outro, não existem valores, nada digno de ser vivido*”.

No caso da moralidade de segunda ordem, a responsabilidade individual é substituída pela responsabilidade relacional, não há atos maus cometidos por um único indivíduo, porque cada ação é resultado de relacionamentos (2016, p. 17).

Isso nos remeteu ao excelente filme *Paulina*, de Santiago Mitre, Argentina, 2015. A protagonista é uma advogada que larga sua carreira na capital e vai ser professora numa zona rural em vulnerabilidade. Pressionada pelo pai, um juiz de direito, e pelas autoridades locais a fazer uma denúncia contra um aluno que a estuprou, ela se nega. Paulina entende que o ato do aluno não é algo individual, e vê toda a responsabilidade relacional dessa ação, coerente também com seu posicionamento político. Ao se negar a fazer a denúncia, segundo Gergen, ela evita uma alienação e uma retaliação. “*Apenas juntos podemos construir uma ponte sobre o vão da alienação e da destruição mútua*” (2016, p. 17).

É difícil ser Paulina num mundo crescentemente polarizado. A importância da prática da ética relacional que Gergen nos traz pode ser um caminho.

O nosso compromisso ético não deve ser com uma ideia, um discurso, uma cultura, e sim com a relação, “*o valor da relação se torna o principal*” (2016, p. 17). O processo relacional é nosso compromisso.

A ética relacional de Gergen e o amar de Maturana e Dávila (2009) se encontram:

O amar ocorre no fluir do viver no presente na legitimidade de tudo, sem dualidade, sem fazer distinções de bom e mau, de belo e feio. Isto é, o amar ocorre no fluir do viver em que alguém vive no domínio das condutas relacionais através das quais esse mesmo alguém – a outra, o outro e tudo o mais – surge sem intenção ou propósito como legítimo outro na convivência com alguém (2009, pp. 83-84).

A intenção de caminhar nessa direção rege nossa prática. O importante é a atenção no caminhar.

REFERÊNCIAS

Foucault, M. (2012). *A ordem do discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22ª ed. São Paulo: Edições Loyola.

- Gergen, K.** (2016). Rumo a uma ética relacional para a prática terapêutica. *Nova Perspectiva Sistêmica XXI* (56)11-21.
- Maturana, H.; Davila, X.** (2009). *Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural*. São Paulo: Palas Athena.
- Mitre, S.** (2016). *Paulina*. Argentina: Lita Stantic Producciones.